

CHESTERTON, G.K. **Santo Tomás de Aquino**. Biografia. [Tradução e Notas de Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Edições Co-Redentora, 2002, 164 pgs.

por *Paulo Faitanin*

O escritor inglês Chesterton dispensa qualquer apresentação. Mas recordemos alguns dados de sua vida. Gilbert Keith Chesterton nasceu em Londres, Inglaterra, no dia 29 de Maio de 1874. Ele se considerava um simples jornalista, mas foi um profícuo escritor em diversos ramos da literatura. Se opôs ao movimento Nazi e outros males do início do século passado. Sua principal personagem foi o 'Padre Brown', que solucionava mistérios, escritos entre 1911 e 1936. Suas Biografias de Charles Chaplin, São Francisco e São Tomás primam pela sutileza dos traços metafísicos de sua literatura com a leveza de uma linguagem clara e inconfundível. Marcado em sua juventude por pensamentos de suicídios somente encontrou no cristianismo as respostas para os anseios que a vida lhe havia imposto. Escreveu 69 obras. Morreu em 14 de Junho de 1936, em Beaconsfield, Buckinghamshire.

Nesta obra o autor traça o perfil biográfico de Tomás de Aquino revelando-nos o homem, o sábio e o santo com pinceladas [como se pintara um quadro metafísico] certeiras. Obra palatável para qualquer dieta de bom gosto. Instrutiva, objetiva, clara e principalmente formadora.

Capítulo I *Dois Frades*: Comparando São Francisco e São Tomás diz: “São Francisco era tão fogo e até irrequieto, que os eclesiásticos diante dos quais aparecia de repente o julgavam doido. Santo Tomás mostrava-se tão tardo, que os mestres nas escolas que freqüentava com regularidade o supunham estúpido”, p. 28. Destacando o caráter de Tomás e o modo como seus amigos o julgavam um tanto tardo, pondera que: “Qualquer santo é homem antes de ser santo, e um santo pode fazer-se de qualquer espécie de homem”, p. 30.

Capítulo II *O Abade fugitivo*: Retratando a vida do de Aquino, narra o episódio em que este se faz mendicante: “Até onde podemos penetrar os fatos obscuros e discutíveis, parece que o jovem Tomás de Aquino entrou um dia no castelo do pai e com toda a calma, anunciou que se fizera frade mendicante da nova ordem fundada pelo espanhol domingos, algo assim como se o primogênito do cavaleiro chegasse a casa e informasse estouvadamente à família que se tinha casado com uma cigana”, p.58.

Capítulo III *O Batismo de Aristóteles*: A obra caminha aos moldes de uma biografia, sem que sintamos a ausência das notas. Enfatiza a originalidade do Aquinate por haver sido num período de certa aversão à livre interpretação do pensamento aristotélico fora do círculo averroísta, ao marcar que “Santo Tomás não reconciliou Cristo com Aristóteles; reconciliou Aristóteles com Cristo”, p.34; e dirá “...havia muito mais dificuldade em reconciliar Aristóteles com Maomé do

que reconciliá-lo com Cristo”, p. 79. E completa: “Quando exaltamos o valor prático da revolução aristotélica e a originalidade de Tomás de Aquino em chefia-la, não queremos dizer que os filósofos escolásticos anteriores a ele não fossem filósofos, ou não fossem altamente filosóficos, ou não houvessem tido contacto com a filosofia da Antiguidade. Se alguma vez houve profunda ruptura na história filosófica, não foi antes de Santo Tomás, ou no início da história medieval, mas sim depois de Santo Tomás e no início da história moderna”, p.75.

Capítulo IV *Meditação sobre os Maniqueus*: Frente ao problema da criação do universo por Deus e da constatação da existência do mal, Tomás de Aquino, nos conta Chesterton, aprofundou sua meditação acerca da origem do mal. É o problema do maniqueísmo, doutrina segundo a qual o mal tem ser por si a parte do ser de Deus. Em tese para o maniqueísmo “O ponto essencial vem a ser este: assim como o mal tem raízes na natureza, assim tem direitos nela. O mal tem tanto direito de existir como o bem”, p. 96. E logo aponta afirmando: “Ora, a mentira mais profunda dos maniqueus consistia em identificar a pureza com a esterilidade, o que contrasta singularmente com a linguagem de Santo Tomás, que sempre relaciona a pureza com a fecundidade, quer natural, quer sobrenatural”, p. 98.

Capítulo V *A vida real de Santo Tomás*: Neste capítulo todo esforço de Chesterton é mostrar a face demasiadamente humana de Tomás. Quer mostrar o lado oculto, mas real da vida deste homem. E começa dizendo algo fantástico que se aplica efetivamente à vida dos santos e inclusive à de Tomás: “Um santo está muito além de quaisquer desejos de distinção; é a única espécie de homem superior que nunca quis ser pessoa superior”, p. 107. “Os retratos de Santo Tomás, apesar de muitos terem sido pintados muito após a morte, são todos evidentemente retratos do mesmo homem. Aparece erguendo altivamente a cabeça napoleônica sobre o grande vulto escuro do corpo”, p. 109. “Quando não estava sentado e imóvel lendo um livro, andava em volta dos claustros, caminhava depressa e até com ímpeto, ação muito própria dos homens que travam as suas batalhas na inteligência. Sempre que o interrompiam, mostrava-se muito delicado, e pedia mais desculpas dos que lhas pediam. Mas via-se nele algo que demonstrava que se sentia muito mais feliz quando não o interrompiam”, p. 109. Dando destaque ao encontro de Tomás com Cristo, em que o Aquinate diz a famosa sentença non nise Te [Não senão a Ti], Chesterton analisa a questão dizendo: “Ninguém supõe que Tomás de Aquino, quando Deus lhe deu a escolher dentre todos os seus dons, fosse pedir um milhar de libras, a coroa de Sicília ou um vinho raro da Grécia...É este o fundo esplendoroso da multiplicidade do ser, que dá força particular, e até uma espécie de surpresa, à resposta de Santo Tomás, quando levantou a cabeça finalmente e disse, com esta audácia quase blasfema que forma uma só coisa com a humildade de sua religião: - Quero-Te a Ti”, p. 118.

Capítulo VI *Introdução ao Tomismo*: Chesterton começa este capítulo dizendo: “Que o Tomismo seja a filosofia do bom senso, proclama-o o mesmo bom senso”, p. 125. Esclarecendo o bom senso da filosofia Tomista contra o ceticismo, o autor assinala: “Suponho que é de alguma forma verdade que um homem pode ser cético radical; mas então não pode ser mais nada, nem sequer defensor do ceticismo radical”, p. 128.

Capítulo VII *A Filosofia Perene*: A filosofia de Tomás é perene porque é simples e real. Chesterton alude a este fato da perenidade do Tomismo por ser pensamento que se volta para a realidade voltada para Deus: “Odeão Inge, que durante anos andara fazendo conferências aos ortodoxos a respeito do dever severo de aceitar todas as descobertas científicas, positivamente lamentou em voz alta esta descoberta científica verdadeiramente falha de tato, e implorou aos descobridores científicos que fossem descobrir algures outra coisa diferente. Parece quase incrível, mas é fato que perguntou o que é que Deus teria para se entreter se o universo acabasse. Por aqui se vê quanto os espíritos modernos precisam de Tomás de Aquino. Mas até sem ele mal posso imaginar que qualquer homem educado, quanto mais um homem tão culto, acredite em Deus sem presumir que Deus tem em Si todas as perfeições, incluindo a alegria eterna, e não precisa do sistema solar para Se entreter como com um circo”, p. 146.

Capítulo VIII *A Herança de Santo Tomás*: Tomás nos deixou uma herança que não pôde ser queimada pelo ato insano de Lutero: “Diz-se que o grande reformador queimou em público a Suma Teológica e as demais obras de Tomás de Aquino, e com a fogueira desses livros podemos bem por fim a este. Dizem que é muito difícil queimar um livro, e deve ter sido difícilíssimo queimar uma montanha de livros como aquela com que o Dominicano contribuíra para as controvérsias da Cristandade. Como seja, há algo de triste e apocalíptico na idéia dessa destruição, quando consideramos a compacta complexidade de toda esta visão enciclopédica de coisas sociais, morais e especulativas”, p. 163. No final da obra o autor humildemente se nos revela admirador em tema de Tomás de Aquino, e pensa que não faria falta se o seu livro fosse queimado: “Passem 400 anos, e este livro, assim o espero...se perderá e esquecerá sob uma onda de melhores livros a respeito de Santo Tomás de Aquino, que estão neste momento saindo de todos os prelos...Comparado a esses livros, este é, evidentemente, uma produção magra e de amator. Mas não é provável que venha a ser queimado; e, se o fosse, não deixaria falta alguma digna de nota no meio dos novos e magníficos trabalhos que hoje se dedicam à philosophia perennis – a Filosofia imorredoura.”, p. 164.